

## CONTEXTO EDUCACIONAL SURDO REGISTRADO EM IMAGENS

NATHIELLE FRANCOS DA SILVA<sup>1</sup>;  
MADALENA KLEIN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – nathifranços@yahoo.com.br*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – kleinmada@hotmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem intuito de averiguar práticas pedagógicas em escola de surdos, através de registros fotográficos juntamente com narrativas de sujeitos sobre histórias que possam compor de maneira mais sistemática esse contexto.

Este estudo teve início através de uma intervenção realizada em uma escola de surdos da região Sul no Rio Grande do Sul, com o objetivo inicial de conhecer a história desta instituição com mais de seis décadas de atividades. Foi realizada uma pesquisa documental no acervo da escola, e no decorrer da mesma foi possível observar um vasto arquivo fotográfico.

Devido esta aproximação com a escola, surgiu a seguinte problematização: “que práticas pedagógicas registradas em fotografias constituíram este ambiente escolar?” Tal questionamento auxilia observar as práticas pedagógicas que ali foram construídas e estabelecidas, focando nas possibilidades de se pensar a educação do sujeito surdo.

Segundo Alves e Oliveira (2004, p. 19):

Essa história, que vamos buscando “compor”, vai se organizando, assim, por meio do estudo dessas múltiplas imagens e pelas narrativas que vamos ouvindo em conversas que temos com os praticantes docentes do cotidiano escolar sobre outras imagens, bem como sobre suas memórias sobre elas.

O uso de imagens como registro documental se faz importante, pois nos permite refletir sobre tempos e espaços educacionais que foram registrados através de artefato que é a fotografia. Leite (2001, p.35) nos diz que “a leitura da documentação fotográfica pretende integrar esses fragmentos de informação que constituem as imagens e buscar meios de estabelecer articulações entre elas, através da memória”.

Dante disso, a fotografia nos fornece informações sobre um determinado momento, dando subsídios para entendermos como se constituiu relações, neste caso, como se estabeleceram relações educacionais no contexto de uma escola de surdos.

Para este trabalho, trago contribuições de Leite (2001) e Alves e Oliveira (2004) que discutem a importância dos registros fotográficos para a compreensão dos espaços escolares. Ainda, busco como referência as discussões de Silva (1999, 2000), que me auxiliam a refletir sobre conceito de normalização e de representação. Segundo Silva (1999, p. 32): “a representação – compreendida aqui como inscrição, marca, traço, significante e não um processo mental – é a face material, visível palpável, do conhecimento”.

Com foco na educação de surdo, utilizo autores como Fernandes (2007), Quadros (2006) e Skliar (2001, 2006), que me ajudam a pensar os conceitos de Língua de Sinais e oralização, desta forma fornecendo subsídios para minhas análises.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa, ainda em fase inicial, caracteriza-se como de cunho qualitativo, na qual faço uso de leitura documental fotográfica. Para o desenvolvimento desta análise pretendo articular as representações das práticas pedagógicas registradas nas fotos com narrativas de sujeitos que em algum momento se fizeram presentes neste contexto educativo.

Como primeiro passo, a perceber um grande número de registros imagéticos que estavam guardados em caixas e álbuns no acervo da escola, selecionei aqueles que contribuíram significativamente para a uma breve construção da história da escola. Foram observadas fotografias que perduravam desde a década de 50 do século XX até meados da primeira década do século XXI.

Para responder o problema da pesquisa, analisei cuidadosamente os registros fotográficos da escola em que estivessem representadas práticas pedagógicas e momentos marcantes para a construção do espaço educacional. Tomei por base referências às chamadas metodologias na educação de surdos, como oralismo, o uso da Língua de Sinais bem como práticas de esportes, devido sua recorrência nos materiais, procurando classificar as imagens a partir destas referências.

Serviram de suporte para estas classificações iniciais, conversas de maneira informal com quatro docentes que acompanharam a coleta de imagens no acervo, e um funcionário que circulava na escola naquele momento. Para os mesmos foi questionado o que aquelas fotografias representavam para a constituição escolar, cultural e histórica neste espaço. As respostas foram registradas em diários de campo, sendo armazenadas para futuras consultas no desenvolver da pesquisa.

Na sequência da pesquisa, pretendo adensar as análises das fotografias, analisando as representações sobre práticas pedagógicas construídas neste contexto escolar, levantando hipóteses de momentos históricos, políticos, educacionais e culturais que emergem nesses registros.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De uma maneira sutil e preliminar foi possível observar que a escola preserva um grande acervo fotográfico, porém a identificação das fotografias é precária, e quando da conversa informal com professoras e funcionário, obtive relatos dispersos daqueles poucos protagonistas que vivenciaram e contam essa história.

Devido ao grande período temporal de análise documental fotográfica, observa-se diversos momentos educacionais no contexto surdo. Desses momentos, pode-se citar a prática oralista, na qual Skliar (2001, p. 88) nos diz que:

A concepção de sujeito surdo no oralismo diz respeito exclusivamente a uma dimensão clínica – a surdez como deficiência, os surdos como sujeitos deficientes – numa perspectiva terapêutica, segundo a qual a surdez e os surdos devem ser, em primeiro lugar, curados e/ou reabilitados.

Práticas oralistas estão representadas através de imagens de crianças surdas usando fones de ouvidos com o intuito de reverter sua posição de surda, passando a ser “ouvinte”, e assim usando uma linguagem oral e aproximando-se do considerado normal. Ajudam-me a entender os processos de normalização, os escritos de Silva (2000, p.83): “Normatizar significa eleger – arbitrariamente uma

identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas”.

Já o uso da Língua de Sinais está representado de maneira lenta e gradativa dentro do espaço desta escola, juntamente com recursos auditivos/oralistas circulando neste ambiente. Segundo Skliar (2006, p.72), esta língua se faz importante no cotidiano dos surdos pois ela é “um elemento mediador entre o surdo e o meio social em que vive. Por intermédio dela, os surdos demonstram suas capacidades de interpretação do mundo desenvolvendo estruturas mentais em níveis mais elaborados”, sendo assim indispensável para a comunicação dos mesmos.

A Língua Brasileira de Sinais - Libras começa a ter uma mobilidade maior na escola, segundo observado nos registros em fotografias, quando surgem imagens de um coral sinalizado, na qual uma professora se posicionava na frente dos alunos, para realizar a tradução da música e as crianças surdas reproduzem/copiam seus sinais.

Outro momento que considero significativo foi à fotografia que registra a primeira turma do curso de Libras para mães, na qual a imagem é representada por um grupo de mães segurando seus certificados de conclusão do curso juntamente com seus filhos. Neste momento, observa-se que a instituição prospera para uma educação bilíngue, pois família e a instituição desenvolveram ações assegurando o direito a Libras como primeira língua destas crianças (Fernandes. 2007)

Assim, para Quadros (2006, p.16):

Ao optar-se em oferecer uma educação bilíngüe, a escola está assumindo uma política lingüística em que duas línguas passarão a co-existir no espaço escolar, além disso, também será definido qual será a primeira língua e qual será a segunda língua, bem como as funções que cada língua irá representar no ambiente escolar.

Durante as análises fotográficas, uma prática ou registro que circula em vários momentos na escola, tornando-se decorrente daquele espaço, são as práticas desportivas, tais como vôlei, atletismos e apresentações muito similares como de ginástica olímpica. Observa-se também, registro de atividades corporais, geralmente realizadas fora do contexto da sala de aula, ocupando outros espaços da escola.

Dante disso, observa-se a riqueza do acervo fotográfico histórico desta instituição, que possibilitou analisar registros de representações em fotografias, assim, permitindo uma maior reflexão deste espaço.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao concluir esta etapa, foi possível observar que nas fotografias há representações demarcando momentos distintos da educação de surdos. Diante disso, percebe-se que os registros fotográficos contam sobre um determinado momento da história desta escola e da educação de surdos.

Pretendo, no seguimento da pesquisa, um adensamento em minhas análises de práticas pedagógicas que ali foram construídas e estabelecidas, contribuindo com as problematizações acerca das práticas pedagógicas e seus efeitos na educação de surdos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES Nilda, OLIVEIRA Inês Barbosa de, **Imagens de Escolas: Espaços tempos de Diferenças no Cotidiano**, Educ. Soc. , Campinas, vol. 25, n. 86, p. 17-36, 2004.

FERNANDES, Sueli. **Avaliação em língua portuguesa para alunos surdos: algumas considerações**. In: PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Grupos de estudos por área. Curitiba. 2007.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo. 2001.

QUADROS, Ronice Müller de. **Idéias para ensinar português para alunos surdos** / Ronice Muller Quadros, Magali L. P. Schmiedt. – Brasília: MEC, SEESP, 2006

SKLIAR, Carlos. Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngüe para surdos. In: SILVA, Shirley & VIZIM, Marli (orgs). **Educação Especial: múltiplas leituras e diferentes significados**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil – ALB, 2001.

SKLIAR, Carlos (org.). Abordagens sócio-antropológicas em educação especial. In: CECCIM, Ricardo Burg, LULKIN, Sérgio Andrés, BEYER, Hugo Otto, LOPES, Maura Corcini. **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O currículo como representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 1999, p. 31 – 69.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu, HALL Stuart (org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73 - 102.